

DE *LUCUS AUGUSTI* PARA O SUL DA *CALLAECIA*: CONSUMO DA CERÂMICA DE ENGOBE VERMELHO LUCENSE

Rui Morais¹
Teresa Soeiro²
Maria José Sousa³

RESUMO:

Estuda-se a recepção, no sul do *conventus bracaraugustano*, da cerâmica romana de uso comum com engobe vermelho não vitrificado fabricada em *Lucus Augusti* e discutem-se as condições técnicas, o gosto e as linhas de comercialização que facilitaram o seu sucesso.

Palavras-chave: *Callaecia* bracarense; Cerâmica de engobe vermelho de Lugo; Comercialização de cerâmica.

ABSTRACT:

The reception, in the south of the *conventus bracaraugustano*, of Roman common ware with non vitrifiable red slip, produced in *Lucus Augusti*, is studied and the technical conditions, the taste and the trade lines that made its success possible are discussed.

Keywords: *Callaecia*; Non vitrifiable red slip ware from Lugo; Ceramic trade.

GALIZA E ENTRE-DOURO-E-MINHO, CUMPLICIDADES DE SEMPRE

Ao pensarmos no tema a eleger para este pequeno estudo, que se integra na merecida homenagem dedicada pela Faculdade de Letras U.P. a Fernando Acuña Castroviejo, interrogamo-nos sobre a forma como poderíamos significar o seu permanente movimento pendular, físico e idiossincrático, entre as terras galaicas a norte e a sul do Minho, onde vem muitas vezes, como seria de esperar, exercer funções académicas na nossa escola e também participar em eventos científicos organizados por museus e centros de investigação, ou mesmo integrar equipas de trabalho arqueológico de campo, estaleiros propícios ao forjar de cumplidades intelectuais e amizadas. Mas igualmente revelador é o seu hábito de fazer, com assiduidade, estas deslocações discretamente, pelo simples e radical prazer de estar, de experienciar, de conhecer território e gente.

A escolha surgiu de modo inesperado, quando estávamos na reserva de arqueologia do Museu Municipal de Penafiel, instituição de seu particular apreço, e constatámos que alguns exemplares cerâmicos de engobe vermelho, recolhidos no Castro de Monte Mozinho, tinham grandes afinidades com aqueles produzidos na cidade romana de *Lucus Augusti*. Ali estava o mote para um possível diálogo

¹ Professor auxiliar com agregação da UP/FLUP e investigador UI&D-CEHCH

² Professor associado da UP/FLUP e investigador CITCEM

³ Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa

sobre itinerância e partilha, que necessariamente envolvia terceiros, outras populações residentes no sul da *Callaecia*, as quais consumiram estas mesmas vasilhas, usando-as na preparação e serviço de alimentos, sobressaindo como maior centro recetor, se não mesmo redistribuidor, a cidade de *Bracara Augusta*.

ENTRE CERÂMICAS CASTREJAS E IMPORTAÇÕES DE MESA E COZINHA

Em diferentes sítios arqueológicos, nomeadamente vários castros do Noroeste, ficou testemunhado este encontro entre produções cerâmicas de tradição castreja, que permaneceram maioritárias durante as primeiras décadas do Império, e as cerâmicas importadas, um diversificado conjunto de vasilhas com características físicas e funcionais muito diferentes, como eram as ânforas e outros grandes contentores e recipientes para preparar alimentos (p.e. almofarizes), face aos delicados vasos de *sigillata* itálica, às paredes finas ou às lucernas, quase todos oriundos da própria península itálica ou do sul da Hispânia. Em nenhum caso, porém, se confundiam com as cerâmicas de fabrico local/regional, pelo que a alteridade era característica marcante da sua presença.

O Castro de Monte Mozinho foi exemplo paradigmático e prístino para o estudo destes momentos iniciais da permanência romana no Noroeste e do seu impacto no quotidiano das populações locais (ALMEIDA 1977), que posteriormente seria reconhecido nas cidades augustanas, aonde afluiu certamente gente portadora do mesmo saber fazer tradicional (MORAIS, FERNÁNDEZ, MAGALHÃES 2012: 499-520).

Para a temática pertinente a este artigo, devemos evocar as alterações que parecem ter ocorrido nas práticas de cozinhar e de consumir alguns alimentos, e em particular o uso de formas baixas e abertas, os pratos (ALMEIDA 1974: Forma 16 e 17). Nas sínteses sobre vasilhame castrejo, esta forma quase não surge nas etapas mais antigas, sendo depois documentada como recipiente de levar ao lume, em utilização na futura *bracaraense* a partir da fase II de Armando Coelho F. Silva (SILVA 1986: 123) ou de Manuela Martins (MARTINS 1990: 143), divulgando-se com o sistemático emprego do torno na fase III (SILVA 1986: 130 e MARTINS 1990: 157-158), quer se tratasse de vasos de asas interiores próprios para suspender sobre a lareira, quer dos destinados a estar pousados sobre/entre as brasas ou a ser cobertos por um forninho. Salvaguardamos que aqueles têm surgido em níveis mais antigos, totalmente feitos à mão, como se exemplificou em unidades estratigráficas bem datadas de Santo Estevão da Facha, a par de pratos baixos de madeira para servir, escudelas que, devido à matéria-prima, estarão fortemente sub-representadas no registo arqueológico das várias épocas (ALMEIDA *et alii* 1981: 68 e 70).

Estes recipientes de suspender, fabricados nas pastas arenosas da região, apresentam, no geral, o interior bem alisado, e assim o que quer que neles se cozinhasse não aderiria facilmente. O exterior, pelo contrário, é pouco apurado e está completamente coberto de fuligem. Nos destinados a serem pousados verifica-se o mesmo cuidado com a face interior.

Ora, quando as importações de cerâmicas romanas se tornam sistemáticas no Noroeste, vemos que, em conjunto com os produtos mais representados antes enumerados, raramente de cozinha, chegam também, ainda que em pequeno número, pratos próprios para esta atividade, caracterizados por apresentarem um forte engobe interior com propriedades antiaderentes, como as que já se tinham buscado com o bom alisamento do interior nas produções castrejas.

A historiografia, o contexto produtivo e a dispersão das cerâmicas de engobe vermelho de fabrico itálico na Península Ibérica foram exemplarmente apresentados por Carmen Aguarod Ota, a propósito das produções importadas de cozinha na Tarraconense (1991). Entre nós, devem referir-se dois artigos dedicados a estes pratos de *engobe vermelho pompeiano* encontrados nas escavações da Alcáçova de Santarém (ARRUDA e VIEGAS 2002: 221-238) e do Teatro romano de Lisboa (2007: 229-253), para além de alguns estudos mais antigos, como o inserido nas *Fouilles de Conimbriga* (1976: 51-58; PL. XII) e outras menções pontuais. Ficamos cientes que na Península predominam as produções da Campânia,

em detrimento das oriundas da zona centro de Itália e da região etrusca. Aquelas vieram a substituir estas durante o século I a.C. e alcançaram particular difusão durante o reinado de Augusto, tendo perdurado até ao famoso desastre das cidades do Vesúvio, ocorrido em 79, quando perdem relevância.

Não surpreende, por isso, que as produções da Campânia estejam presentes na fachada atlântica já desde os finais do século I a.C. e, em número acrescido, com Augusto e nos primeiros decénios do Império. Numa primeira fase, tal presença deve certamente enquadrar-se no âmbito militar e no contexto da sua influência junto das populações. Mas, gradualmente, a aprendizagem do seu uso vai sendo assimilada, justificando a inclusão entre outros materiais importados de origem itálica e o posterior fabrico local de espécies similares.

Como se sabe, estas produções originais comercializaram-se a partir do sul, sendo naturalmente mais escassas a norte do Douro, onde apenas foram registadas algumas ocorrências como, por exemplo: cerca de uma vintena de fragmentos em Braga, entre os quais um bordo da forma Oberaden 22/Aguarod 4 (Fig. 1, 1) e Luni3/Aguarod 21 (Fig. 1, 2) e quatro bordos da forma Oberaden 21/Aguarod 6 (Fig. 1, 3); cinco no Castro de Monte Mozinho (Penafiel), também com pelo menos dois exemplares da forma Oberaden 21/Aguarod 6 (SOEIRO 1984: 139-140, Fig. LXIII 8), todos recolhidos em unidades estratigráficas de época flávia (Fig. 1, 4); um da forma Oberaden 21/Aguarod 6, do Castro das Ermidas (V. N. Famalicão), com a marca EOIR em cartela, ao centro, no interior (DELGADO 1993-94:116, Est. I 1), proveniente de contextos do séc. I d.C. com *sigillata* hispânica (PAUTREAU, QUEIROGA 1990), (Fig. 1, 5).

Esta presença pouco numerosa e tardia deve ser relacionada com a prevalência das tradições culinárias da população local, e correspondente olaria de lume castreja, até pelo menos os meados do século I d.C., tendência que se estenderia mesmo aos novos centros urbanos, como *Bracara Augusta* e seu aro, onde o fabrico de cerâmicas de uso comum e de qualidade, ao gosto romano, se está ainda então a afirmar (MORAIS, FERNÁNDEZ, MAGALHÃES 2012: 499-520). Outro tanto se poderia dizer de *Lucus Augusti* (ALCORTA 2001: 50-56), mas com uma especial chamada de atenção para as cerâmicas castrejas, mesmo formas fechadas de exterior enegrecido e com as tradicionais decorações brunidas/estampadas/aplicadas, que começam a receber um forte engobe interior vermelho, à maneira dos pratos de *engobe vermelho pompeiano* (ALCORTA 2001: 93), característica que perdurará nas bem-sucedidas e muito difundidas produções lucences, em que se incluem os exemplares objeto deste estudo.

Nas necrópoles com enterramentos datados até meados do século I d.C., os pratos estão ausentes, como vemos em *Bracara* (MORAIS, FERNÁNDEZ, MAGALHÃES 2012: 499-520; MORAIS, FERNÁNDEZ, BRAGA 2013: 313-326; MORAIS, SOEIRO, FERNÁNDEZ, no prelo) ou em Monteiras (Penafiel), aqui mesmo em conjuntos da época de Cláudio-Nero. Pelo contrário, as incinerações de cronologia flávia desta necrópole já mostram pratos de lume, com perfis curvilíneos, a lembrar a forma predominante entre os importados (SOEIRO 2009-10: 33-35).

CERÂMICAS COMUNS LOCAIS E REGIONAIS AO GOSTO ROMANO

As designadas cerâmicas de uso comum, que abarcam uma diversificada panóplia de produções, assumem plenamente o modo romano nas últimas décadas do século I d.C.. A escala e as técnicas de fabrico distinguem-nas das precedentes, o mesmo se podendo dizer do aspeto final do produto, das formas e das funcionalidades. Se é certo que as panelas e potes, por exemplo, continuam numerosos, como já eram os correspondentes vasos fechados de perfil em S castrejos; o vaso de asas interiores, presença em todas as casas castrejas, encontra-se agora em muito menor número e fabricado com as novas características de pasta e cozedura. Teria cedido o lugar, como sugerimos antes, aos pratos, caçarolas e frigideiras de pousar sobre o fogo, cada vez mais abundantes e com diferentes tamanhos, que continuarão a ser os eleitos até ao final do Império. Muitos destes recipientes, mesmo os destinados ao lume, vão ser acabados com aguadas alaranjadas, a cor da moda, que predomina de maneira ainda mais constante na baixela de mesa, mesmo a mais grosseira, como pratos, taças, malgas, bilhas,

jarros, etc.. Na louça fina, que emula a *sigillata* ou as paredes finas, estes acabamentos são de muito melhor qualidade, como as pastas utilizadas e o empenho em copiar formas e decorações.

É deste contexto que se tem individualizado uma baixela de cozinha e mesa bem caracterizada pelo facto de possuir na face interna e bordo um revestimento argiloso avermelhado, com alto teor de ferro, vulgarmente designado *engobe vermelho não vitrificável*. De preferência espessos para não estalar sob a ação do calor, estes engobes eram adequados ao uso culinário, como cozer pão e outros alimentos à base de farinhas ou acabar os guisados espessos e com ovos, evitando que os preparados aderissem à superfície, o que sucederia facilmente se esta fosse porosa e rugosa. Embora sem a qualidade dos engobes vitrificados, «a sua espessura suportava polimentos mais ou menos fortes, conforme a intensidade do brilho que se pretendesse dar à superfície», como bem observou Manuela Delgado (DELGADO 1993-94: 116).

Encontrámo-los em vários tipos de assentamento a partir da época flávia, reconhecendo-se em observação macroscópica grandes grupos de produções: um deles com pastas mais arenosas, em tons do bege claro ao acastanhado, superfícies alisadas e cobertas por aguada laranja avermelhada, não muito espessa, os mais vulgares por todo o Entre-Douro-e-Minho; outro com pastas finas bem decantadas, que em *Bracara* atinge fabricos de apurada qualidade.

Neste mesmo momento, começam a chegar ao sul da bracarense outras produções, relativamente às quais hoje sabemos com segurança provirem da cidade de *Lucus*, onde têm vindo a ser estudadas por Enrique Alcorta e uma equipe que escava naquela cidade, onde nos deslocamos para com eles dirimir dúvidas. Seguiremos os seus trabalhos sobre esta temática, economizando, a partir daqui, a repetitiva aposição de referências (ALCORTA 1995; ALCORTA 2001; ALCORTA, BARTOLOMÉ 2012; ALCORTA, BARTOLOMÉ, FOLGUEIRA 2014; ALCORTA, BARTOLOMÉ, FOLGUEIRA no prelo).

Caracterizam-se por apresentarem um comum engobe vermelho polido, geralmente bem conservado, espesso e mate ou ligeiramente brilhante. A cor é variável, afim ao vermelho pompeiano, mas com tonalidades mais escuras. A superfície interior das peças fica totalmente engobada, acabamento que se prolonga sobre o bordo ou o lábio e por uma banda exterior. A restante parede, e mesmo o exterior do fundo, são alisados ou levemente polidos, tornando-se macios ao tato. Quanto a formas, as mais comercializadas, desde as últimas centúrias do século I, são o prato e a tigela.

Apesar das olarias locais, de onde saíam milhares de peças que se assemelhavam a estas, *Bracara*, destacado centro urbano regional, terá sido também aquele que recebeu primeiro vasos de engobe lucences, porém ainda longe das quantidades que atingiriam em séculos posteriores. O significado desta observação preliminar foi pertinentemente reforçado pela sumária revisão do espólio de Monte Mozinho onde, embora os primeiros níveis flávios mostrem grande capacidade aquisitiva da população, que recebe materiais importados de diferentes proveniências, não encontramos os produtos de *Lucus*, os quais, por outro lado, vão surgir em níveis posteriores, certamente já da primeira metade do século II, ambientes bem menos trabalhados neste sítio arqueológico.

A CERÂMICA DE ENGOBE VERMELHO QUE LUGO COMERCIALIZOU

A caracterização da produção lucence aponta, além dos traços gerais antes referidas, que lhe dão identidade, para alguma variação nos fabricos, mesmo que todos pareçam sair das oficinas instaladas na própria cidade, bem localizadas pela quase meia centena de fornos já registados e escavados, distribuídos a par da veia de argila que constituiu a matéria-prima fundamental para as olarias.

Predomina o uso de pastas ocreas, micáceas e finas, com poucos e.n.p., relativamente duras, de aspeto laminado e que com frequência possuem um cerne acinzentado, com superfície uniforme e bem alisada, pronta a receber o engobe e, por vezes, certificada com o selo da oficina. Este fabrico estará já em uso nas últimas décadas da primeira centúria, a par do seguinte, e vai prevalecer até ao final,

tornando-se exclusivo nos séculos baixo-imperiais, sem se notar qualquer perda de qualidade tanto nas pastas como do acabamento engobado.

O segundo fabrico que nos interessa apenas corresponde ao Alto-Império, parecendo desaparecer nos finais do século II. Com ele se fizeram pratos e tigelas de boa qualidade, ostentando selos como os anteriores. Caracteriza-o o tom alaranjado da pasta, que tem um aspeto algo mais arenoso, com abundantes e.n.p. de fino calibre, alguns quartzos de tamanho médio e presença de ínfimos grãos de moscovite. Pode ter um cerne acinzentado, mas é compacta e apresenta superfície exterior uniforme e bem alisada.

As formas mais difundidas são, como dissemos antes, apenas duas, sendo que a tigela desaparecerá no final (se não antes) do Alto-Império. Trata-se de um vaso aberto, de fundo plano, espessado, alisado pelo exterior e por vezes com uma canelura, corpo troncocónico mais ou menos arqueado e bordo extrovertido em aba côncava ou aplanada, inclinada, com lábio engrossado. O tamanho maior teria cerca de 20 cm de diâmetro (ES1) e o menor ao redor de 15 cm (ES1A).

A forma mais numerosa no sul da bracarense é, sem dúvida, o prato de fundo plano (alisado e com ou sem caneluras no interior e exterior) e parede oblíqua terminada em lábio biselado introvertido (EP1). Na origem produziu-se nos dois fabricos, apresenta diversos diâmetros e pode levar selo se antigo. Em Lugo, é acompanhado nos níveis alto-imperiais por outras duas variantes, caracterizadas pelo lábio arredondado (EP2) e pela curvatura e abertura da parede oblíqua (EP3), estendendo-se este último pelo século III ou mesmo IV. Ambos existem em Braga, ainda que muito escassos.

Tanto as tigelas como os pratos parecem ter sido usados com carácter polivalente, na mesa e na preparação de alimentos ao lume, de que resulta a presença exterior de alguma fuligem. No entanto, se compararmos a quantidade destas concreções e a intensidade de calcinação das paredes dos recipientes com o que conhecemos bem da cerâmica comum, nomeadamente dos pratos ditos *de lume* ou das caçarolas, vemos como os vasos engobados foram poupados à exposição direta e persistente à chama. Por outro lado, manchas escuras e alterações, caso não resultem de problemas de fabrico, podem sugerir o uso de alguns destes pratos na cozinha mas para enforamento ou cozedura sob campânula, à maneira afinal dos pratos de engobe pompeiano (AGUAROD 1991: 54-55). O facto de mostrarem no exterior do fundo, quase sempre bem acabado, alguns sulcos concêntricos pode sugerir aplicações técnicas para difusão do calor, muito mais eficaz nos casos em que toda a superfície exterior está coberta por finas estrias. Já no interior, as incisões retilíneas, desordenadas, que atingiram a integridade da camada protetora, têm sido interpretadas como resultantes do corte do alimento cozinhado.

A RECEÇÃO DA CERÂMICA DE ENGOBE VERMELHO DE LUGO NO SUL DO CONVENTUS BRACARAUGUSTANO

Nos mapas de difusão das produções engobadas de Lugo, apresentados por Alcorta, Bartolomé e Folgueira Castro (no prelo), constata-se uma dispersão considerável em toda a área abarcada pelos três *conventus* do Noroeste, que se alarga, em particular no período baixo-imperial, a locais bem mais distantes como Conímbriga (ALARCÃO 1976: 51-131, Pl. XII), La Vega Baja (Toledo) ou *Petavonium*, *Veleia*, etc.. Parece espectável, portanto, que as possamos encontrar na parte sul do *conventus bracaraugustano* e particularmente bem representadas na sua capital (Fig. 1, mapa).

Como pudemos observar numa análise sumária do espólio das escavações de *Bracara* guardado no Museu D. Diogo de Sousa, as cerâmicas engobadas de Lugo, tanto antigas como tardias, foram recolhidas em toda a área urbana (Anexo 1), parecendo mais abundantes em níveis de ocupação e zonas de revolvimentos do século IV-V. Quando ainda eram limitadamente conhecidas pelos arqueólogos, a análise química permitiu confirmar a proveniência (OLIVEIRA *et alii* 2005: 159-164; PRUDÊNCIO 2008: 72-77). A significativa presença desta baixela desde as décadas finais do século I pode denotar capacidade de compra e enquadrar-se no importante papel que a cidade já desempenharia como centro redistribuidor regional.

Neste conjunto, são maioritários os pratos/travessas que derivam da forma Oberaden 21/Aguarod 6 (tipo EP1), (Fig. 2, 1-9). Porém, a circunstância, já sublinhada pelos investigadores lucences, de o fabrico dominante (pasta fina micácea ocre e engobe vermelho espesso) manter as características ao longo dos séculos, dificulta muito a sua atribuição cronológica, que será mais delimitável quando se apresentam feitos na pasta arenosa alaranjada, duas dezenas de casos (Fig. 2, 1-2). Os pratos das formas EP2, para os quais se perspectiva menor diacronia (Fig. 3, 1), e EP3 parecem bastante raros (seis dos primeiros, dois dos segundos), (Fig. 3, 2-3) e são todos em pasta ocre. Procuramos ilustrar exemplares de diferentes tamanhos, já que há pratos com algo menos de 20 cm de diâmetro e outros com mais de 50 cm, variação que se constata igualmente na altura da parede, entre 2 e 8 cm.

Também se atribuem ao período alto-imperial, pela sua proximidade ao estabelecido para as *sigillatas*, os exemplares de prato que ostentam no exterior do fundo, em posição excêntrica, a marca da oficina impressa em cartela, com as letras em positivo: OF.LATI, de *Latius* (?), oleiro ainda não conhecido, que estampou a sua marca num prato de pasta avermelhada (Fig. 2, 11); O QV... é da oficina de *Quintus*, que laborou nas décadas finais do primeiro século e início do segundo, usando-se para o presente exemplar a pasta fina e ocre (ALCORTA 2001: 313-324 e ALCORTA, BARTOLOMÉ 2012: 714), (Fig. 2, 10).

A mesma dualidade de fabrico apresentam as duas dezenas de tigelas do tipo ES1 (Fig. 4, 1-6), tendo uma delas, de pasta fina ocre-acastanhada muito bem cozida, parte da marca da oficina, também em cartela, aplicada no exterior do fundo em posição excêntrica. Lê-se possivelmente... NI (Fig. 4, 6), remetendo talvez para *Rufianus*, cujas peças marcadas são conhecidas em Lugo, Astorga, Castromao (Ourense) e no acampamento de Rosinos de Vidriales (Zamora), aí datados de final do século I (ALCORTA 2001: 317-318; ALCORTA, BARTOLOMÉ, FOLGUEIRA no prelo).

Fora da capital conventual, estas tigelas foram recolhidas pelo menos em dois sítios próximos do Douro: no Castro de Monte Mozinho (Penafiel), um exemplar em unidade estratigráfica de final do século I ou primeira metade do II (sector b), que se guarda no Museu Municipal de Penafiel, fabricado na pasta avermelhada, bem cozida e com a superfície exterior muito bem alisada (Fig. 4, 7); no Monte Castelo (Guifões, Matosinhos), proveniente de escavações antigas, espólio de Joaquim Neves dos Santos entregue ao Gabinete Municipal de Arqueologia e História de Matosinhos, feito em pasta ocre (Fig. 4, 8), da qual existem mais dois fundos planos de prato indeterminado. Já sobre o Douro Internacional, as escavações no Castelhar de Picote (Miranda do Douro) brindaram-nos com outros exemplares de tigela, além de dois pratos.

Como sucede em Lugo, também em Braga são baixo-imperiais a maioria dos pratos EP1, no total cerca de três centenas, agora sempre em pasta ocre fina, mas indestrinçáveis dos anteriores; o mesmo se podendo dizer das prateiras ou travessas das formas EP6 e EP7, pouco mais de uma dezena repartida por igual.

À cronologia baixo-imperial pertencerá a forma EP4, que tem em comum, além do fabrico, o facto de ser uma prateira de fundo plano e parede oblíqua baixa, terminada por uma aba pouco desenvolvida, de tendência horizontal. Esta linha de grandes prateiras ou travessas redondas foi perseguida na bracarense, pelo menos desde o século II, mas sobretudo no III/IV, tanto pelos fabricantes de cerâmicas comuns arenosas, rematadas com aguada laranja (veja-se os inumeráveis exemplos recolhidos nas necrópoles), como pelos que desenvolveram produções mais cuidadas, certamente centradas em *Bracara*, o que justificaria a pouca representação de exemplares chegados do norte.

Também chegaram de Lugo pratos com cronologia claramente baixo-imperial. Trata-se daqueles de fundo plano, com interior soerguido e muitas vezes decorado por conjuntos de circunferências estriadas; possuem uma parede oblíqua que termina numa aba de tendência horizontal, lisa ou decorada com duas molduras (EP6), (Fig. 3, 4-5). Mais elaborados, os pratos e prateiras ou travessas EP7 desenvolvem o perfil dos anteriores, mas apresentando as paredes decoradas com profundas depressões feitas a partir do interior (se oblongas EP7, se circulares EP7A) e a aba mais alargada, lisa ou com duas ou três molduras, imagem de conjunto que vagamente recorda a forma Hayes 59 da *sigillata* africana (Fig. 3, 6-8).

Para além destes modelos perfeitamente tipificados, a *Bracara* parece terem chegado também algumas formas fechadas, fabricadas em idêntica pasta fina e ocre, exteriormente cobertas por espesso engobe vermelho. Ilustramos um pequeno púcaro (V2), (Fig. 4, 9), mas haveria também vasos sobre o globular, com reticulado brunido a decorar os ombros e bojo, e outros com o corpo subcilíndrico (Fig. 4, 10), todos pouco numerosos.

A par destes achados da capital bracarense, devemos colocar: um exemplar de prato EP1 da necrópole de Monte Mozinho, encontrado fora de sepultura mas em contexto tardio (SOEIRO 1984: 298), (Fig. 3, 9); um exemplar das escavações da Casa do Infante (Fig. 3, 10) e os de *Tongrobriga* (Marco de Canaveses), isolados pelo autor da publicação, que os designou Grupo 11 (formas 1 e 2), representando pratos/travessas EP1, recuperadas em contextos do século IV (DIAS 1997: 252-253, 278). A estes acresce-se ainda um fragmento de prato do tipo EP2 do Castro de Alvarelhos, proveniente da intervenção de 2008, recolhido com espólio do século IV (Fig. 3, 11).

A análise que efetuámos à cerâmica lucense de engobe vermelho que chegou a *Bracara* permitiu ainda revelar a presença de fragmentos de pratos reutilizados, uns simplesmente cortados em redondo para fichas de jogo e outros circulares perfurados ao centro para servirem como cossoiros.

Algumas peças mostram grafitos *pos-coturam*, muito provavelmente feitos já na cidade, pelos utilizadores. Leves e de mão insegura, quase riscados, ou profundos e bem planeados, no interior do fundo de pratos, são maioritariamente alfabéticos e em maiúsculas, mas também parece haver inscrições cursivas (Fig. 4, 11-16). Acompanham-nas desenhos, algum de carácter figurativo. Os das fichas de jogo (Fig. 4, 13-14) e cossoiros (Fig. 4, 15-16) parecem feitos antes mesmo de os cortar. Não são muito abundantes, mas alguns tornam-se verdadeiramente interessantes, reveladores do grau de literacia de alguns habitantes da cidade, como N/VRSI (= N(*aeuius*) Vrsus), (MORAIS 2005: 87; Est. XII, nº 20).

PERSPETIVAS

Na discussão sobre o tema na Mesa Redonda celebrada em 2014 em Bilbao, intitulada “Cerâmicas de época romana en el norte de Hispania y Aquitania: producción, comercio y consumo entre el Duero y el Garona”, Carmen Aguarod sugeriu que uma das razões para o sucesso destas cerâmicas e a vasta difusão que se tem vindo a documentar pode estar relacionado com o final das produções de engobe vermelho pompeiano, logo após a destruição das cidades do Vesúvio em 79. Como consequência deste desastre, ter-se-iam criado oficinas provinciais que passaram a produzir cerâmicas idênticas àquelas, aproveitando o nicho de mercado e colmatando a falha de abastecimento sentida.

Como é bem conhecido, no noroeste peninsular podem identificar-se dois grandes focos produtores de cerâmicas comuns romanas, especialmente de vasilhame que pela sua aparência e qualidade lembra modelos de grande comercialização, são eles as cidades romanas de *Lucus Augusti* e *Bracara Augusta*.

A vasta difusão de algumas produções engobadas de Lugo, em particular os pratos/travessas EP1, insere-se assim neste comércio interprovincial, envolvendo, quem sabe, a elite municipal e uma complexa rede de distribuição através das vias marítimas, fluviais e terrestres, a cargo de *mercatores* e *negotiatores artis cretariae*, em que os bens seriam transacionados também como cargas complementares ou de retorno, facilitadas pela morfologia simples, que permitia fossem empilhados sem ocupar um espaço excessivo. *Bracara Augusta*, onde se encontram com maior quantidade, seria certamente, pela sua centralidade e supremacia regional, uma interessante escala intermédia de redistribuição.

O sucesso desta mercadoria, porém, não se explica apenas por questões de rede e logística comercial; a qualidade de fabrico das baixelas, em particular as revestidas por engobe de excelente aparência e propriedades funcionais, tornariam apelativo o seu uso pelo consumidor, tanto nas atividades culinárias como no serviço à mesa.

A formação, em época romana, de uma forte tradição de produções engobadas em ambas as cidades poderia pressupor um contexto de autarcia, em que se justificasse apenas uma presença pontual de

cerâmicas lucenses em Braga, da mesma forma que as desta cidade escassamente chegaram a Lugo. Como tal não se verifica, talvez devamos considerar que a capacidade produtiva instalada em Lugo, onde havia no subsolo um grande veio de argila de que perto de meia centena de oficinas desfrutaram, tenha permitido alguma especialização para venda, focada num produto de qualidade, multifuncional e com relativa facilidade para ser transportado mesmo a razoáveis distâncias, o que implicaria uma rede de distribuição, instalada a partir das últimas décadas do século I, que estaria ainda mais ativa no Baixo-Império, com pontos de redistribuição e, no sul da *Callaecia*, uma malha de extensa capilaridade para chegar a diversos povoados próximos do Douro, onde se apreciava viver e comer *à romana* como, entre outros argumentos, o gosto expresso na cultura material vem patenteando.

AGRADECIMENTOS

Manifestamos a nossa gratidão ao Museu D. Diogo de Sousa, pela autorização para estudar cerâmicas romanas recolhidas nas escavações de *Bracara Augusta* e pelas facilidades de fotografia e desenho de materiais; ao Museu Municipal de Penafiel, pelo acesso ao espólio das escavações do Castro de Monte Mozinho, do casal da Bouça do Ouro e de diversas necrópoles; à Câmara Municipal de Matosinhos/Gabinete Municipal de Arqueologia e História, pela consulta do fundo de Joaquim Neves dos Santos e disponibilização de fotografias; à Câmara Municipal da Trofa, por apoiar a investigação do Castro de Alvarelos; à Casa do Infante, na pessoa do arqueólogo António Silva, pela possibilidade de ver alguns materiais das escavações realizadas nesta instituição e desenhar o que interessava. Devemos ainda uma palavra de apreço às instituições e colegas que nos permitiram visionar outras coleções e espólios, ainda que não tivéssemos encontrado o tipo de material em estudo: Museu da Sociedade Martins Sarmento, Solar Condes de Resende e Museu de Antropologia da Universidade do Porto.

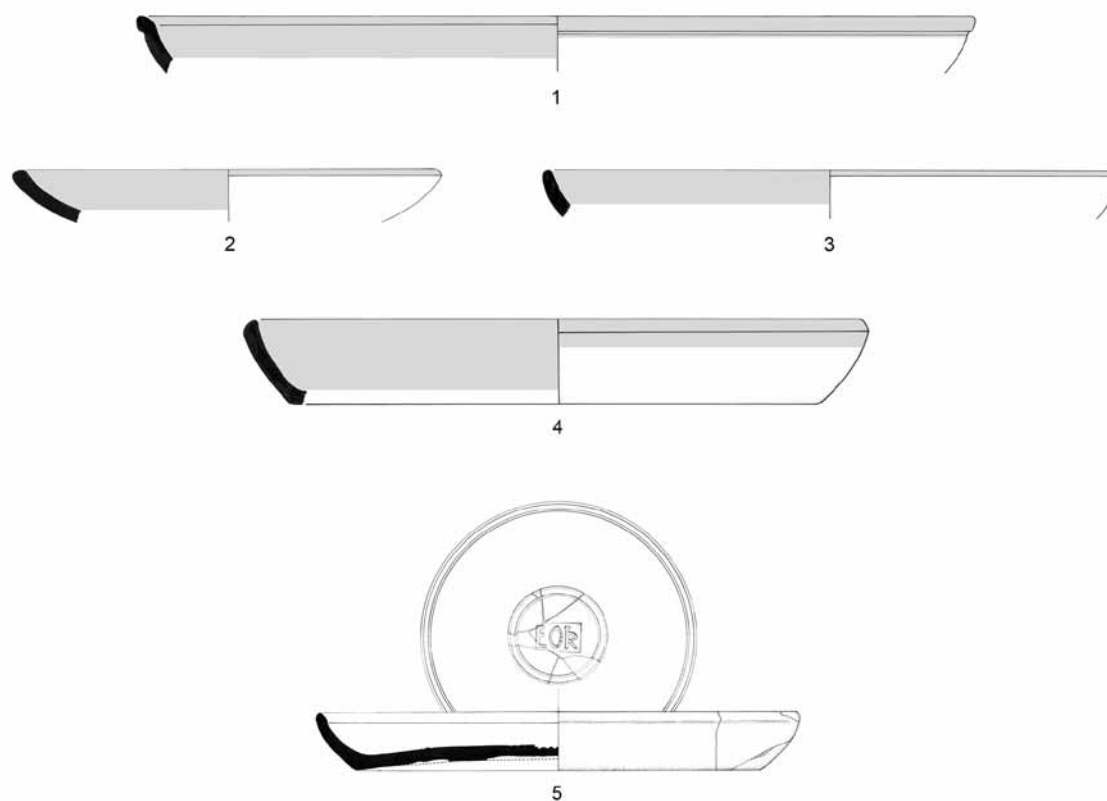
BIBLIOGRAFIA

- ALCORTA IRASTORZA, E. J. (1995), Avance al estudio de la cerámica común romana de cocina y mesa de *Lucus Augusti*, in *Ceràmica comuna romana d'època Alto-Imperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió, Monografies Emporitanes VIII*, Empuries, 201-226.
- ALCORTA IRASTORZA, E. J., BARTOLOMÉ ABRAIRA, R. (2012), Muestras de cerámica engobada romana de producción local de *Lucus Augusti* (Lugo), in D. Bernal Casasola e A. Ribera I Lacomba (eds.), *Cerámicas hispanorromanas II. Producciones regionales*, Universidad de Cádiz, Cádiz, 699-724.
- ALCORTA IRASTORZA, E. J., BARTOLOMÉ ABRAIRA, R., FOLGUEIRA CASTRO, A. (2014), Acercamiento a los modelos arquitectónicos, funcionales y productivos generales y de imitación de una ínsula alfarera en *Lucus Augusti* (Lugo), in R. Morais, A. Fernández e M. J. Sousa (eds.), *As produções cerâmicas de imitação na Hispania, Monografias EX OFFICINA HISPANA II* (Tomo I), Braga, 425-446.
- ALCORTA IRASTORZA, E. J., BARTOLOMÉ ABRAIRA, R., FOLGUEIRA CASTRO, A. (no prelo), Producciones cerámicas engobadas lucenses y su distribución, in Enrique Alcorta Irastorza; Milagros Esteban Delgado; Ana Martínez Salcedo (Org.), *MESA REDONDA: Cerámicas de época romana en el norte de Hispania y en Aquitania: Producción, comercio y consumo entre el Duero y el Garona* (Bilbao 22-24 octubre de 2014), Bilbao.
- ALCORTA IRASTORZA, ENRIQUE J. (2001), *Lvcvs Avgvsti. II Cerámica común romana de cocina y mesa hallada en las excavaciones de la ciudad*. A Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza.
- ALMEIDA, CARLOS ALBERTO F. DE; ALMEIDA, CARLOS A. BROCHADO DE; SOEIRO, TERESA; BAPTISTA, ANTÓNIO JOSÉ (1981), Escavações arqueológicas em Santo Estevão da Facha, *Arquivo de Ponte de Lima* (vol. 3), Ponte de Lima, 3-91.
- ALMEIDA, CARLOS ALBERTO FERREIRA DE (1974), Cerâmica Castreja, *Revista de Guimarães* (vol. 84), Guimarães, 171-197.
- ALMEIDA, CARLOS ALBERTO FERREIRA DE (1977), *Escavações no Monte Mozinho II, 1975-1976*, Penafiel: Centro Cultural Penafidelis.
- DELGADO, M. (1993-94), Notícia sobre cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável encontradas em Braga, *Cadernos de Arqueologia* (nº 10-11), Braga, 113-149.

- DIAS, L. T. (1997), *Tongobriga*, Lisboa: IPPAR.
- GOUDINEAU, C. (1970), Note sur la céramique à engobe interne rouge-pompéien (“Pompejanisch-Roten Platten”), *MEFRA* (nº 82), Paris, 159-186.
- MARTINS, MANUELA (1990), *O povoamento ptoto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*, Braga: Universidade do Minho.
- MORAIS, R., FERNÁNDEZ, A., CRISTINA, B. (2013), Contextos cerámicos de la transición de Era y de la primera mitad del s. I provenientes de la necrópolis de la Vía XVII de *Bracara Augusta* (Braga, Portugal), in *Congrès International de D’Amiens – SFECAG* (9-12 Mai, 2013), Amiens, 313-326.
- MORAIS, R., FERNÁNDEZ, A., MAGALHÃES, F. (2012), El sondeo nº 8 de “As Cavalariças”: un contexto del primer cuarto del s. I d. C. de *Bracara Augusta* (Braga, Portugal), in *Congrès International de Potiers - SFECAG* (17-20 mai 2012), Potiers, 499-520.
- MORAIS, R., SOEIRO, T., FERNÁNDEZ, A. (no prelo), Necrópolis del cambio de Era hasta mediados del s. I en el *conventus bracaraugustano*. El caso de las necrópolis de la Vía XVII de *Bracara Augusta* (Braga) y de Monteiras (Bustelo, Penafiel), in *Congresso Internacional de Arqueología Clássica* (13 e 17 de maio de 2013), Mérida.
- MOUTINHO ALARCÃO, A. (1975), A propos des céramiques de Conimbriga. I - Céramiques a engobe rouge non grésé, *Conimbriga* (vol. XIV), Coimbra, 9-21.
- MOUTINHO ALARCÃO, A. (1976), Céramique a engobe rouge non grésé, in J. ALARCÃO e R. ETIENNE (dir.), *Fouilles de Conimbriga VI. Céramiques diverses et verres*. Paris, 51-58.
- OLIVEIRA, F., SEQUEIRA BRAGA, M. A., PRUDÊNCIO, M. I., DELGADO, M., GOUVEIA, M. A. (2005), The non vitrifiable red slip ware found in Braga (northwest of Portugal): a mineralogical and chemical characterization, in Maria Isabel Prudêncio, Maria Isabel Dias, J. C. (eds.), *Understanding people through their pottery. Proceedings of the 7th European Meeting on Ancient Ceramics (EMAC’03)*, *Trabalhos de Arqueologia* (nº 42), Lisbon, 159-164.
- PAUTREAU, J. P.; QUEIROGA, F.M.V.R. (1990), Le Castro das Ermidas, village fortifié du Portugal, *Archéologia* (nº 253), Paris, 44-49.
- PEACOCK, D. P. S. (1977), Pompeian Red Ware, in *Pottery and Early Commerce. Characterization and trade in roman and later ceramics*, New York-London: Academic Press, 147-162.
- PRUDÊNCIO, M. I. (2008), Ceramic in ancient societies: a role for nuclear methods of analysis, *Nuclear Chemistry: New Research*, 51-81.
- SILVA, ARMANDO COELHO FERREIRA DA (1986), *A Cultura Castreja no noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira: Câmara Municipal.
- SOEIRO, TERESA (1984), Monte Mozinho: Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana, *Boletim Municipal de Cultura* (3ª série, vol. 1), Penafiel, 5-232.
- SOEIRO, TERESA (2009-10), Necrópole romana de Monteiras (Bustelo-Penafiel), *Cadernos do Museu. Penafiel: Museu Municipal* (vol. 12/13), Penafiel, 5-221.
- VEGAS, MERCEDES (1973), *Cerámica común romana del Mediterráneo occidental*, Barcelona: Universidad de Barcelona.

Bracara Augusta: distribuição da cerâmica de engobe vermelho de Lugo

ESCAVAÇÃO	PRATOS									TIGELA		REUTILIZAÇÃO			
	EP1			EP2		EP3	EP4	EP6	EP7	ES1		F. JOGO		COSSOIRO	
	ind.±	grafito	marca	ind.±	grafito	ind.±	ind.±	ind.±	ind.±	ind.±	marca	ind.±	grafito	ind.±	grafito
Albergue	7	1								1	...NI				
Cardoso da Saudade	9			1						1					
Carvalheiras	40			2	1							1	1	2	1
Casa da Bica	15									2					
Casa da Roda	1														
Cavalariças	23							2		1					
Colégio da Sagrada Família	4									1					
Colina da Cidade	22		OQV...							2					
CTT (necrópole)	4														
Fujacal	64		OF.LATI.			2	1	1	2	3					
Hospital	2														
Lg. do Colégio												1	1		
Lg. S. João do Souto	1														
Lg. S. Paulo	2														
Maximinos	9									1					
Misericórdia	8											1			
Misericórdia (A)	6									1					
Misericórdia (B)	1														
Misericórdia (J)	2														
Nª Sª do Leite	3														
Paço	1														
Praia das Sapatas	7	2							1	2					
Rua C. Amarante (necrópole)	1								1						
Rua da Cruz de Pedra	2														
Rua das Carvalheiras	1														
Rua de Caires (necrópole)	1														
Rua de Stº Antº das Travessas	6									1					
Rua de S. Geraldo	7			1					1	1		1			
Rua de S. Sebastião	7	1													
Rua do Anjo	1														
Rua dos B. Voluntários	6	1													
Rua D. Diogo de Sousa	2														
Rua Frei Caetano Brandão	1														
Sé	10														
Seminário de Santiago	4														
Termas	49							1	1	2					
Teatro	9			2					1(?)	1				2	2
Túnel Avenida da Liberdade														2	2
TOTAL	339	5	2	6	1	2	1	6	5	20	1	4	2	6	5



Esc. 1:4

Fig. 1 – Pratos de engobe vermelho pompeiano: 1 a 3 Bracara Augusta; 4 Castro de Monte Mozinho (Penafiel); 5 Castro das Ermidas (Vila Nova de Famalicão).

Mapa - Sítios arqueológicos com cerâmica de engobe vermelho de Lugo:

1. *Bracara Augusta*
2. Castro de Alvarelhos (Trofa)
3. Castro de Monte Mozinho (Penafiel)
4. Monte do Castêlo (Guifões, Matosinhos)
5. Casa do Infante (Porto)
6. *Tongobriga* (Marco de Canaveses)



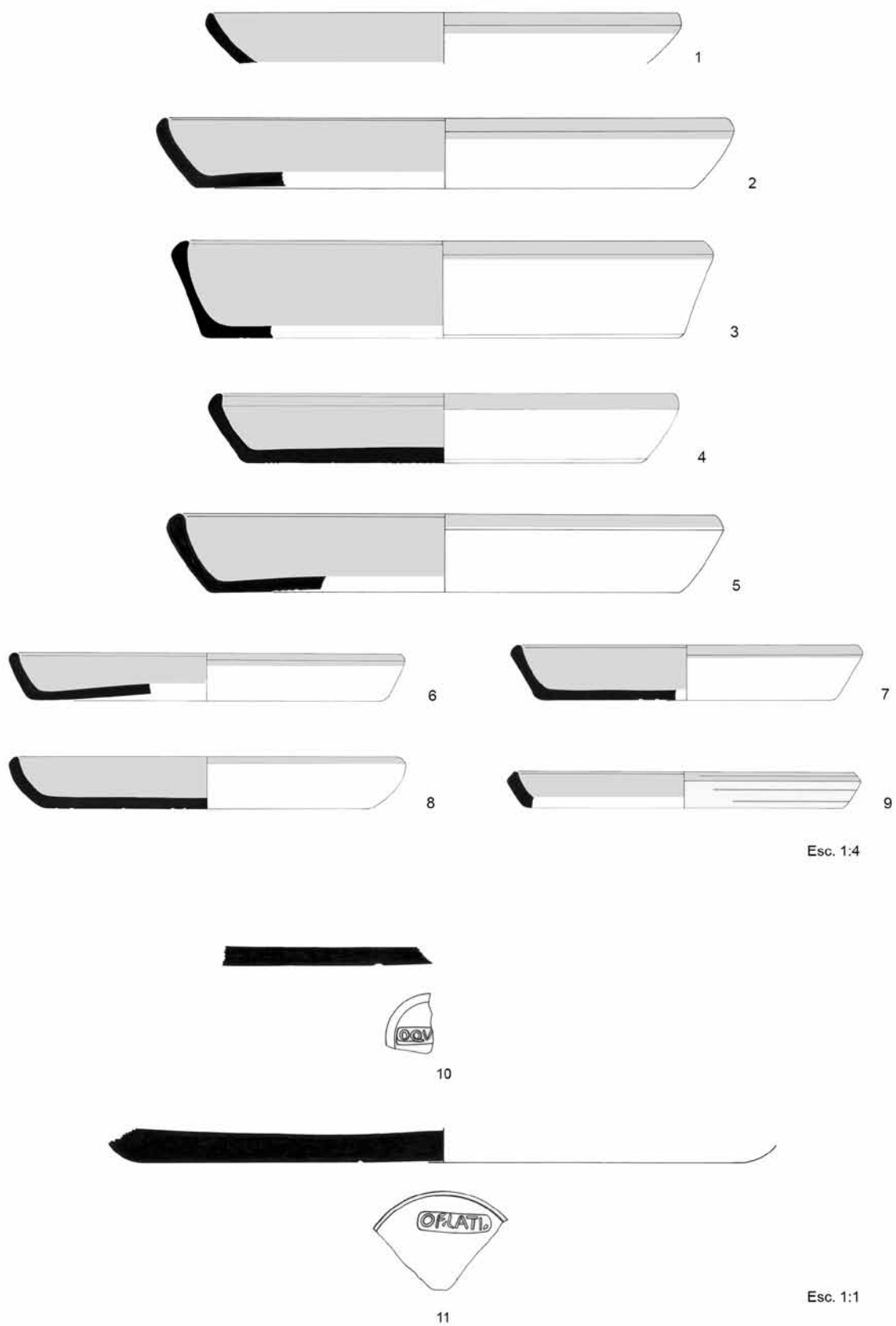
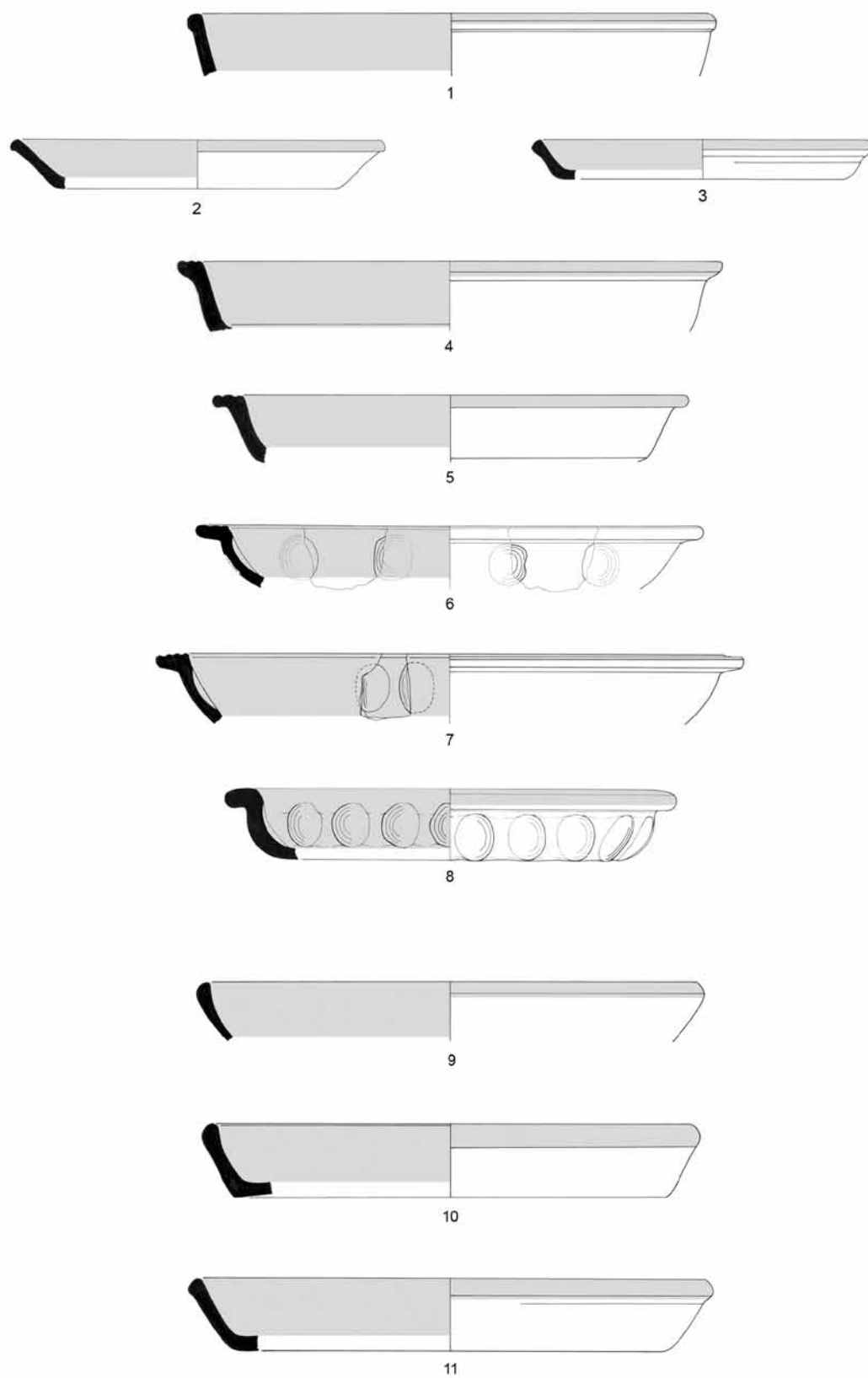
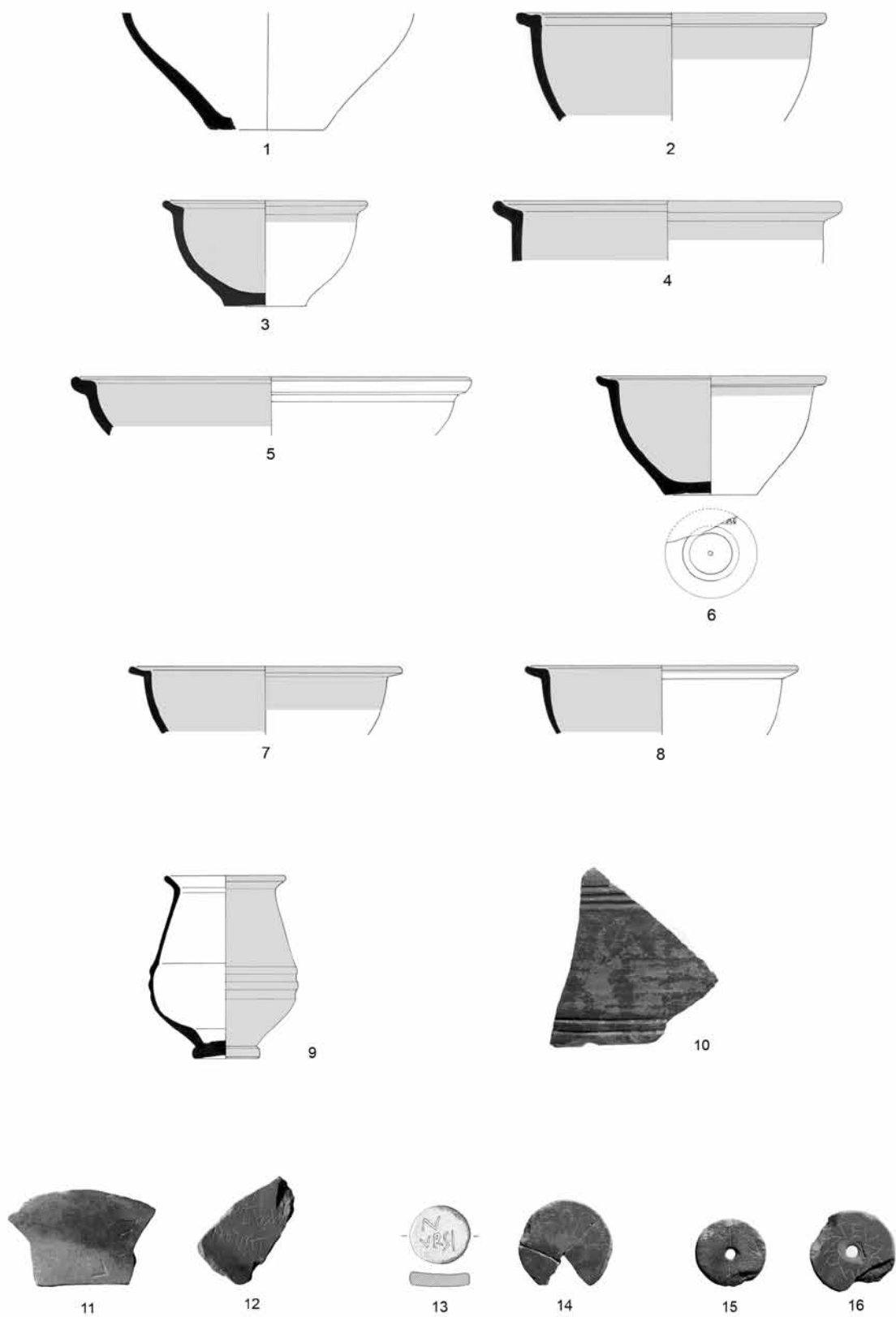


Fig. 2 – Pratos de engobe vermelho de Lugo: 1 a 11 Bracara Augusta.



Esc. 1:4

Fig. 3 – Pratos de engobe vermelho de Lugo: 1 a 8 Bracara Augusta; 9 Castro de Monte Mozinho (Penafiel); 10 Casa do Infante (Porto); 11 Castro de Alvarelhos (Trofa).



Esc. 1:4

Fig. 4 – Tigelas de engobe vermelho de Lugo: 1 a 6 Bracara Augusta; 7 Castro de Monte Mozinho (Penafiel); 8 Monte do Castelo (Guifões, Matosinhos). Outras formas: 9 a 16 Bracara Augusta.